

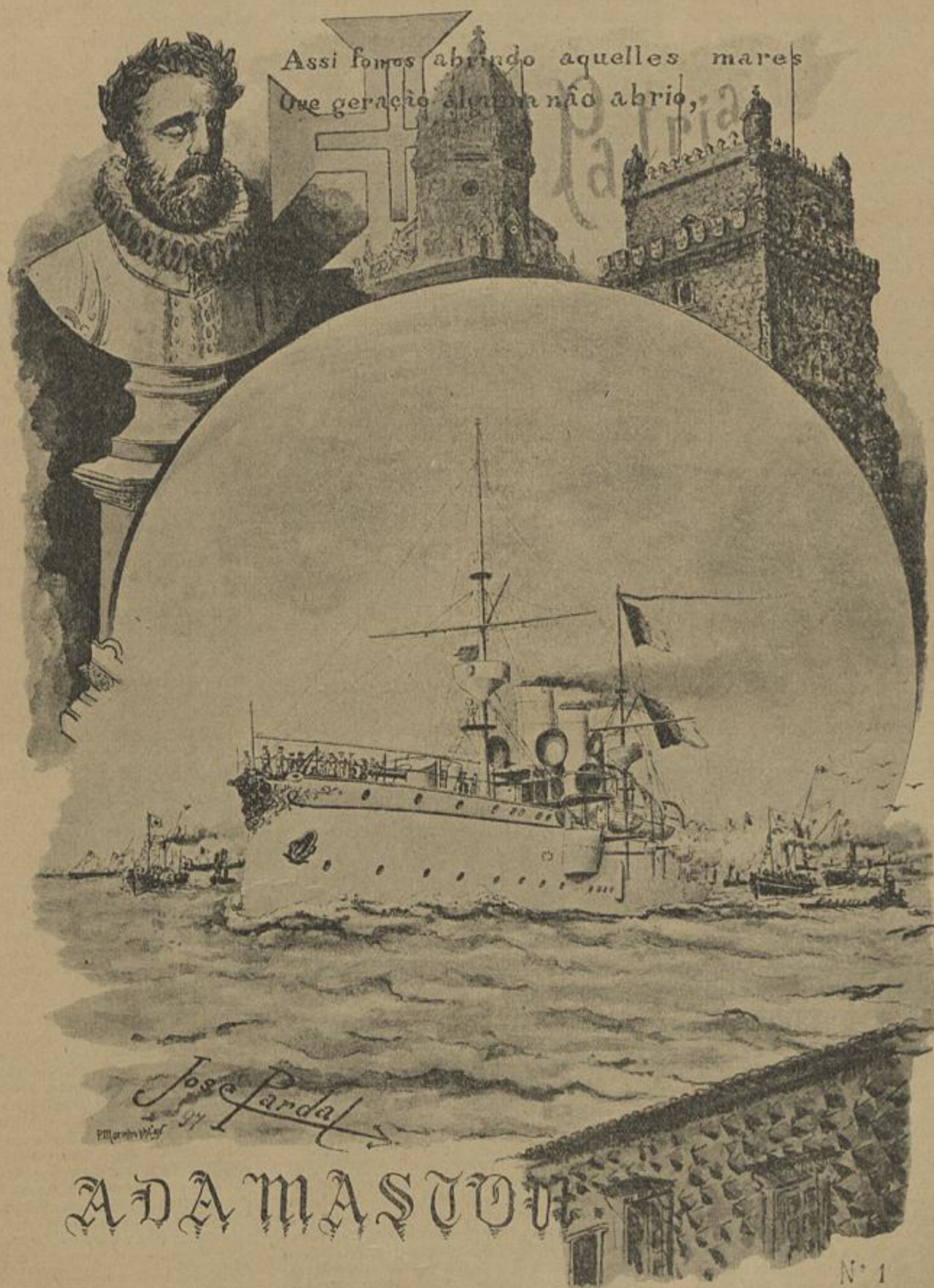
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

20.º Anno

20 de Agosto de 1897

XX Volume — N.º 671



Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geraçõs alhures não abrio,

ADAMASTOR

N.º 1

CHEGADA DO «ADAMASTOR» AO TEJO — AGUARELLA DO SR. JOSÉ PARDAL



CHRONICA OCCIDENTAL

A morte de Canovas, que commoveu o mundo inteiro, não podia deixar de ser o principal assumpto das preoccupações dos politicos, dos artigos dos jornaes e das conversações de todos. Todos se indignam de ver assim annullada em poucos instantes uma existencia de alto valor para uma das maiores nações da Europa.

Canovas não era somente um dos grandes vultos de Hespanha, era enorme até entre os maiores da diplomacia europea. Classificaram-o assim Crispi e Bismarck.

Adorado pelo partido conservador, que via no seu chefe o mais poderoso esteio para a integridade da nação hespanhola, embora a guerra em Cuba custasse rios de dinheiro e de sangue, soubera conquistar o respeito dos adversarios e, mais que respeito, profunda sympathia em muitos.

Sabe-se o dito de Emilio Castelar: «Considero a morte de Canovas como a maior desgraça da minha vida.»

Que o não seja para a Hespanha inteira, assim havemos de desejar, em meio da tremenda crise que hoje a afflige, com tantas guerras longe, com tantas ameaças de peiores luctas interiores.

É preciso ter confiança no patriotismo dos hespanhoes, cujos destinos não podem estar á mercê do revolver assassino do napolitano Angiolillo.

Não é, porém, de espantar que chore perda tamanha, que entre em turbação por tão doloroso golpe.

Canovas era, além de uma altissima intelligencia, homem de extraordinaria energia, o que bem provou logo em principios da sua vida. Sendo estudante, precisando formar-se, conseguiu concluir o curso, passando dias inteiros a trabalhar n'um escriptorio de caminhos de ferro.

Apenas formado, entrou na vida jornalística e os seus artigos na *Patria* deixaram adivinhar desde logo o que elle seria um dia na carreira politica encetada n'um banco de redacção. O que essa foi acha-se escripto em bellas paginas na historia da Hespanha moderna.

Litterato distincto, foram muitas as obras que publicou e lhe abriram as portas de todas as academias.

Morreu. Mas, se ao ouvido lhe soou alguma blasphemia resmungada por Angiolillo, ser-lhe-ia ainda consolação saber que o assassino não falava espontaneamente a lingua em que elle tão excelentemente se exprimiu, lingua que fallava o povo que tanto amou.

Os funeraes, a que foram assistir representantes dos mais humildes e longinquos municipios, bem provaram a altissima consideração em que todos tinham o insigne estadista. Milhares e milhares de individuos representando todas as classes da sociedade acompanharam o coche funerario coberto por centenas de coróas.

De todas as nações do mundo foram enviados telegrammas de pesames ao governo hespanhol. Em Roma, Paris, Vienna, Londres, Washington, os ministros e representantes de todas as nações foram visitar os embaixadores de Hespanha.

O luto da nação vizinha e amiga não impediu que tivessemos um dia de gala. Não se contam muitos assim infelizmente para nós. Foi preciso aproveitá-lo.

Já era chegado o *Adamastor* ao Tejo, quando nos vieram noticias de mais victorias das tropas portuguezas em Africa. Partiu a nova expedição militar para a provincia de Moçambique e o ultimo adeus á terra da patria poude dal-o o soldado, fitando os olhos na bandeira a fluctuar no topo do mastro do cruzador.

Foi no domingo, 15 de agosto, data memoravel, que o navio comprado com o dinheiro da subscrição nacional foi entregue ao governo.

Que alegria no Tejo, essa manhã!

Eram duas horas quando o *Adamastor* largou de Paço d'Arcos e acompanhado dos vapores *Zaire e Funchal* e dos vasos de guerra *Mandoy, Douro e Lidador* veio Tejo acima, até ancorar em frente de Lisboa. Muitos outros vapores o acompanhavam e mais de cincoenta barcos de vela.

Vinham singrando alegremente a flotilha Tejo acima e nos mastros e na pópa de cada barco tremulava orgulhosa, ao sol de agosto, a bandeira azul e branca.

Reunidos no cruzador os representantes do governo e da commissão executiva da subscrição nacional, foi lido pelo presidente d'esta, sr. Conde de S. Januario, um pequeno discurso, recordando

todos os trabalhos patrioticos, que, encetados n'uma triste occasião em que a patria se achou de luto, haviam podido, ao cabo de sete annos, preparar um dia como aquelle.

Respondeu-lhe o sr. ministro da marinha e em poucas palavras eloquentes fez justiça ao patriotismo d'essa meia duzia d'homens incansaveis, que houveram de luctar contra tanta má vontade, tanta ingratição, tanto estorvo.

Estava se assignando a acta, quando chegou a bordo uma commissão da Associação Commercial dos Lojistas, com uma mensagem assignada por todos os membros dos corpos gerentes e que foi lida pelo sr. Pinheiro de Mello.

Copiamos o primeiro periodo, que tem uma altissima significação e que decerto foi dictada por um coração de patriota, o de Pinheiro de Mello talvez, que o é, e dos meliores.

«O acto majestoso e solenne a que estamos assistindo representa o complemento de um facto que ficará constituindo uma das mais bellas paginas da historia da nossa patria, e que é consequencia d'outro que, representando uma das paginas mais lugubres, encheu de magua o coração de todos os portuguezes e ha de servir no futuro de lição salutar e proficua.»

Içaram-se as flammulas nos mastros e o *Adamastor* deu uma salva de vinte e um tiros.

Riem-se alguns de que fosse tão pequeno o resultado da subscrição nacional. É perguntar-lhes o que deram ou o que para elle trabalharam.

O dia foi de festa. As lagrimas de fel de ha sete annos lavaram-as agora lagrimas de alegria.

Dizer mal é muito mais facil que fazer bem; mas deveria ás vezes haver mais pudor na critica, n'esse disfarce da impotencia, que não illude ninguém.

Muitos crêem que só é prova de intelligencia o dizer mal, o levantar estorvos. Não ha trabalho que não difamem, sinceridade que não ennodem. Não teem azas, teem cotos. O menor vôo dos outros transtorna-lhes os fígados. Baba teem de sobejo; o que lhes falta é dentes.

De tudo se diz mal; nada mais facil. Todos elles encontram galeria, isso que admira? O verso de Boileau tem de ser mudado. Já não é um tolo que admira um outro tolo. São cem a festejar-o. D'ahi o ar antipathico de peru triumphador.

Caminhe o homem honrado, via recta, pela sua estrada e não deixe o arrimo do bordão para enxotar os cães.

Muitos deveres ha para cumprir. Souberam aquelles que um dia se puzeram á frente d'um movimento patriotico dirigil-o como homens de bem. Honra lhes seja. Fiquem seus nomes gravados em nossos corações, transmittamol-os amorosamente aos corações dos nossos filhos, e terão maior duração que o que lhes pode ser dado pelas laminas d'aço d'um couraçado.

E, porque um dia foi de gala, não deixaremos depois de volver tristemente os olhos para tanto que ainda por ahi os impelle ás lagrimas, implorando um remedio.

Miseria! Como ella se vai alastrando!

Devido á amabilidade do sr. Conde de Valençã, recebemos ha dias o relatório da direcção dos Albergues Nocturnos de Lisboa, referente aos annos de 1895 e 1896.

Antecedem os mapps do movimento do albergue, suas receitas e despezas, bem elaboradas considerações sobre a emigração da gente do campo para a cidade onde julga facil o achar trabalho, a miseria physica em que vive e tantas vezes produz a miseria moral, a insalubridade das habitações, as associações creadas nos paizes mais adiantados para melhorar as condições dos pobres.

Teem os Albergues Nocturnos de Lisboa um fundo social hoje superior a cento e vinte contos de réis. Cresceu a miseria, cresceu a caridade.

Nos dois annos a que o relatório se refere deu o albergue 25:563 agasalhos a 4:658 individuos.

Em todas as grandes capitães, onde o luxo mais impera, onde a civilisação do seculo mais se manifesta, a par da grande luz, essas grandes sombras! É a lei dos contrastes, que será talvez, n'este caso, vencida um dia por alguma lei social a descobrir. Por emquanto o remedio é só um, quer lhe chamem philantropia, quer lhe chamem caridade.

Albergues, crèches, asylos, sopas economicas, poderão ser symptomas de grandes males, mas no symptoma está por ora o remedio.

Ha cancores a arrancar na sociedade; mas enquanto não houver o homem de sciencia capaz de manejar o bisturi, tratemos d'elles como de doença, para que não progridam, para que sejam menos dolorosos.

Alguns accusam a sociedade de propositadamente conservar o mal, aggravá-lo em proveito proprio. E teem tantas vezes razão!

A direcção dos Albergues para que ninguém de tal crime a possa accusar, acaba de fundar uma escola destinada á educação de menores, filhos de operarios inutilizados no trabalho. E, se é certo que a instrucção diminua a miseria, mais uma vez bem haja a caridosa instituição.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

O «ADAMASTOR»

A primorosa aguarella que reproduzimos na primeira pagina d'este numero, representando a entrada do *Adamastor* no Tejo, tem a mais do valor de uma obra d'arte, o valor de um documento historico, porque é uma, a numero 1 das vinte e cinco que o sr. José Parda, collaborador artistico do OCCIDENTE, pintou para offerecer aos membros da commissão executiva da subscrição nacional.

N'ella vê-se, fazendo o assumpto principal do quadro, o *Adamastor* seguindo rio acima comboiado por grande numero de vapores e outros barcos formando-lhe vistoso cortejo. Na parte superior da aguarella, está desenhado, á direita o busto de Camões em bronze, offerecido pelo secretario da commissão executiva da subscrição nacional sr. dr. Eduardo d'Abreu, para a camara do *Adamastor*; ao centro, a torre dos Jeronymos, o monumento commemorativo da descoberta da India, fazendo-lhe fundo a cruz da ordem de Christo, distinctivo das caravellas que foram á descoberta do caminho maritimo para a India, lendo-se por cima estes versos de Camões:

«Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abrio»;

á esquerda a torre de Belem, esse outro monumento nacional que recorda a epopeia maritima d'este povo, desenhando se sobre o ceu onde se lê a palavra *Patria*; na parte inferior da aguarella e á esquerda, desenha-se um trecho da casa dos Bicos, onde, segundo a tradição, residiu o famoso Affonso d'Albuquerque, o grande capitão e vice-rei da India de gloriosa memoria.

É, pois, uma pagina historica, em que o presente se alia ao passado, como que indicando um renascimento da nossa marinha, por tantos annos quasi que votada ao abandono.

Esta aguarella, que por muita amabilidade do seu auctor, nos foi permitido reproduzir, é a destinada ao sr. dr. Eduardo d'Abreu, secretario da commissão executiva, e que tem sido a sua alma — o nervo, como acertadamente lhe chamou Sousa Martins, n'um telegramma que lhe dirigiu e que Eduardo d'Abreu recebeu, quando o *Adamastor* transpunha pela primeira vez a barra de Lisboa, á 1 hora e 20 minutos da tarde do dia 7 do corrente.

E que dia aquelle de tantas alegrias e jubilo nacional, que ficará marcado na historia moderna como aquelles mais assignalados de nossos dias.

Luzido cortejo fluvial aguardava a chegada do *Adamastor*, annunciada para pouco depois do meio dia.

Effectivamente logo de manhã houve noticia de que o cruzador estava á vista, e pelas 11 horas, de que demandava a barra. Então pozeram-se em movimento os barcos que o iam esperar, e que conduziam diversas corporações e muitos convidados.

Assim fizeram cortejo os vapores *D. Amelia*, com membros da Associação Commercial de Lisboa, *Frederico Guilherme* e *D. Carlos* com a Sociedade de Geographia, muitas senhoras e outros convidados, *Lidador* com camara municipal, officiaes de marinha e mais convidados, *Victoria*, com a commissão da subscrição nacional. Além d'estes, encorporaram-se no cortejo muitos outros vapores, chalupas, yachts e catraios conduzindo convidados, como o *Isaura*, o *Furão*, o *Rio Tejo*, o *D. Affonso*, *Cabinda*, *Mina*, do sr. Moser, chalupas dos srs. marquez da Praia e Eduardo Romero, vapor de pesca *Machado*, o barco salva-vidas de Paço d'Arcos, vapores *Mariano de Carvalho* e *Relampago* e muitos outros barcos de recreio, fragatas, canoas e botes, todos embandeirados conduzindo gente de todas as classes, porque todos se associaram a esta grande manifestação de rejoiço nacional.

Rio acima, seguido de todos os barcos que lhe faziam cortejo, o *Adamastor* deslisou nas aguas do Tejo, por entre vivas e aclamações entusiasticas, por entre hymnos festivos das musicas que tocavam nos vapores que o acompanhavam. Pelas duas margens do rio accumulava-se o povo para vêr passar o novo cruzador, e ao ar subiam repetidas girandolas de foguetes e salvas de morreiros. Quando o *Adamastor* chegou em frente da torre de Belem, salvou com 21 tiros, salva que foi logo correspondida pela bateria do Bom Successo.

A entrada do *Adamastor* no Tejo, foi uma entrada triumphal, em que os vivas á commissão executiva, a Ferreira do Amaral, commandante do novo cruzador, a Eduardo d'Abreu, á marinha e ao exercito, etc., repetiam-se quasi sem interrupção. E foi no meio d'este indiscriptivel entusiasmo que o *Adamastor* chegou ao quadro e amarrou á boia, pelas 2 horas da tarde.

Então, do vapor *Victoria*, onde ia a commissão executiva da Subscrição Nacional, foi arriado um escalor, onde embarcaram, para se dirigirem ao cruzador, os srs. duque de Palmella, Marquez da Praia, e dr. Eduardo d'Abreu, portadores de uma mensagem de felicitação ao commandante, sr. Ferreira do Amaral, assignada por aquelles senhores e por todas as pessoas que iam a bordo do *Victoria*, srs. conde de S. Januario, Raphael de Boddallo Pinheiro, Fernando Pedroso, Hygino de Sousa, Margiochi, membros da commissão, e as sr.^{as} condessa de S. Januario, marquez da Praia Duarte e esposa, Alcacovas e esposo, visconde da Lançada, etc.

N'esta visita repetiram-se as manifestações de entusiasmo com que tinha sido acompanhado o *Adamastor* na sua entrada pelo Tejo, tocando-se o hymno nacional.

Quando a commissão sahio de bordo do cruzador, todos os barcos que o tinham acompanhado, e foram passar em continencia por bombordo; e assim terminou a grande recepção feita ao primeiro navio da marinha de guerra portugueza, meiro construido nos estaleiros dos srs. Orlando, em Livorno, segundo os processos mais modernos d'estas construcções, conforme descrevemos em o n.º 666 do OCCIDENTE do presente volume.

Assim foi applicado o producto da Subscrição Nacional, aberta em um momento de angustia para a patria, e tão honradamente administrada pelos membros d'essa commissão, atravez de todas as dificuldades e desgostos que acompanham sempre os que desinteressadamente trabalham.

De toda essa grande lucta, porém, devem estar sobejamente compensados, pelo brilhante resultado obtido dos seus esforços os membros da commissão executiva, e sem esquecer todos os que trabalharam para este triumpho, não podemos deixar de lembrar o nome do dr. Eduardo d'Abreu como o do homem que mais trabalhou para se chegar a este resultado tão lisongeiro.

SOUSA MARTINS

Em Alhandra, sua terra natal, na casa sobranceira ao caminho que vai á Arruda e de cujo terraço se avista o cemiterio da villa, acaba de expirar um dos maiores portuguezes d'este seculo, Sousa Martins.

Voltára doente de Veneza, onde o seu bello talento conquistára mais uma consagração. Estão seus triumphos na memoria de todos e por mais de uma vez a elles o OCCIDENTE se referiu.

Tendo este jornal, na primeira pagina do numero de 20 de abril, publicado o retrato do eminente professor, escreveu o Dr. Manuel Bento de Sousa ao terminar o artigo biographico do seu grande amigo e companheiro de trabalhos: «A hora, em que isto escrevo, o grande medico, sabio e querido, que soffre as consequencias do trabalho que teve em clima, que lhe não foi favoravel. Os seus amigos, anciosos e tristes, assustam-se com o estado da sua saude. Permitta Deus que a gravidade supposta seja apenas uma illusão produzida pela cegueira da amizade.»

Cegueira de amigos! A maior de todas era a do grande mestre que, torcido, mirrado, transtornado, embranquecido, sacudido pela tosse, dentes descarnados, bocca descahida, não queria reconhecer em si mesmo os symptomas que tão eloquentes nos outros lhe serviam de diagnostico. Os amigos eram cegos tambem, mas cegava-os uma esperança, até quando assignavam sentenças de morte.

Era um nome idolatrado em Portugal por quantos haviam sido tratados pelo medico, ensinados pelo professor. Fóra das fronteiras não havia nome de portuguez mais altamente considerado. Na passada chronica referi-me a uma preleção sobre eli-

mas feita em Clermont-Ferrand pelo engenheiro portuguez, sr. Mendes Guerreiro. Mal este havia citado o nome de Sousa Martins romperam na sala os applausos, como o diz a rubrica.

Mas o grande medico era mais do que um homem de genio. Assim como as quantidades que vão crescendo, chegam ao infinito e mudam de signal, a Intelligencia no supremo gráo muda de nome e chama-se Bondade.

Sendo, é claro, innatas em seu coração tantas virtudes, fóra a intelligencia que as soubera cultivar, dar-lhes aquelle vigor que fizeram de Sousa Martins um santo para consolar os tristes, perdoar aos ignorantes. A Bondade aureolava-lhe o nome, que apenas pronunciado abria sorrisos. Quando o medico entrava em casa do doente, entrava com elle a esperança; não era um medico que dispunha dos pobres recursos d'uma sciencia adolescente, era um sauto que dispunha do céo e podia fazer milagres.

Essa bondade, e portanto essa intelligencia, herdára elle de sua mãe, cuja morte foi para aquelle homem, todo coração, a primeira eunxada na cova escancarada agora.

O que foi a altissima virtude d'essa mãe dil-o eloquentemente uma pequenina anecdota.

Sousa Martins, pobre e desprotegido, luctara com innumeradas dificuldades para conquistar a carta de medico, tendo primeiramente seguido as aulas do curso de pharmaceuticos onde se tornára distincto, o que lhe foi incentivo para maior empreza. Mal lhe haviam entregado o diploma, offereceu-se-lhe occasião para concorrer a uma das cadeiras vagas na Escola Medica. Aconselhavam-o alguns dos profeseores que deixasse para mais tarde essa tentativa, o que era deecreto para desanimar outro qualquer de mais frouxas resoluções. Sousa Martins teimou, estudou, preparou-se e foi a concurso. Era seu competidor o Dr. Amado, hoje illustre professor d'aquella escola e que devia aos mestres de então toda a protecção, que lhe davam, pela sua alta intelligencia e carreira brilhantissima que fizera como estudante. Era emulo para assustar. O que a pobre senhora não resaria durante aquelles dias todos! Como o seu coração se elevaria a Deus, durante aquellas horas terriveis do esperar da decisão! No mesmo momento em que esta foi sabida, um amigo de Sousa Martins correu a casa e gritou da escaada:

— Venceu!

E ella, n'uma explosão de amor, n'um grito em que poz todo o coração materno:

— Coitadinha da mãe do Amado!

Foi d'esta santa que Sousa Martins herdou as altas faculdades de coração e espirito, que fazem da sua morte um caso de lucto nacional.

Ainda ha bem poucos dias, as summidades scientificas dos principaes paizes do mundo curvaram as cabeças ante aquelle arrojadissimo talento, aquelle saber variado, aquelle eloquencia de meridional que enthusiasmava, aquella logica de homem de sciencia que levava com o enthusiasmo o convencimento aos espiritos mais rebeldes.

Que tristes dias n'aquella casa da Alhandra!

Morrera ali ha pouco uma senhora, prima de Sousa Martins, que era das maiores afeições que o prendiam ao mundo.

A ultima vez que o vimos, estava elle na varanda. Acabára de jantar e sentára-se ali a ver o sol expirar, as sombras dos montes a estenderem-se melancolicamente pelos montes fronteíros, pela estrada branca, pelos campos ao longe por onde corre o Tejo. Tinha sobre os joelhos aberto um livro de Bourget.

Velho, decrepito, macilento, carregado doentamente a cór trigueira do rosto. Contava tristezas da sua vida, aquella morte do ente querido, que tanto o abalara. E corriam-lhe as lagrimas em fio.

Como elle contava bem! Que nova vida dava com as suas historias á querida morta! Como a gente, sem a haver conhecido, amava aquelle entesinho, tão bom, tão simples, tão despedagado de egoismos, que dormia ali no alto do monte, n'aquella morada de que se avistava um angulo alvejando ao pé da egreja, por detraz da folhagem escura dos cypresses!

E elle a fallar de vida, e que não era nada aquillo que tinha, e que em outubro ia recommear os trabalhos!

E a morte a bater-lhe á porta, e elle, o grande medico, sem lhe conhecer os passos!

E uma dor profunda em todos. Lagrimas são orações.

João da Camara.

NOTAS BIOGRAPHICAS

O dr. José Thomaz de Sousa Martins nasceu na villa de Alhandra, a 7 de março de 1843, filho de

Caetano Martins e de D. Maria das Dores de Sousa Martins. Foi baptisado na parochial de S. João Baptista, e no assentamento do baptismo diz-se erradamente que elle nasceu a 7 de fevereiro.

Estudou as primeiras lettras na sua terra natal e depois veio para a Lyceu de Lisboa, onde estudou humanidades, passando a estudar sciencias naturaes na Escola Polytechnica.

Foi praticante de pharmacia, desde 1856 a 1864, na botica de Lazaro Pereira, conhecida por *Pharmacia Ultramarina*, estabelecida na rua de S. Paulo, n.º 99 a 101, muito proximo da Casa da Moeda. Durante este tempo fez o curso de pharmacia e em 1861 matriculou-se no primeiro anno do curso de medicina na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, e defendeu these em 6 de julho de 1866, completando um curso brilhante.

Em 27 de agosto de 1868 foi nomeado, precedendo concurso, demonstrador de secção medica da escola e depois promovido a lente substituto, por decreto de 9 de fevereiro de 1872.

Sendo creada, por carta de lei de 16 de abril de 1876, a 12.ª cadeira da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, Pathologia Geral, Semeiologia e Historia da Medicina, foi o dr. Sousa Martins provido na propriedade d'esta cadeira, por decreto de 16 de julho do mesmo anno.

Desde os annos de 1873 a 1876 desempenhou o cargo de secretario e bibliothecario da Escola, e em 1874 foi nomeado, em concurso documental, medico extraordinario do Hospital de S. José e annexos. Em 1885 foi promovido a medico ordinario do mesmo hospital, e em 17 de setembro do mesmo anno director da enfermaria de medicina.

Entre as muitas commissões officiaes que desempenhou, sempre de modo superior, notaremos as seguintes como as principaes:

Secretario e relator da commissão encarregada de redigir a *Pharmacia geral do reino*, nomeada por decreto de 15 de novembro de 1871, a qual publicou o livro *Pharmacopêa portugueza*; secretario e relator da commissão revisora do regulamento quarentenario, nomeada por decreto de 23 de maio de 1872; delegado de Portugal, na conferencia sanitaria de Vienna d'Austria, por decreto de 26 de maio de 1874; secretario da commissão encarregada de propôr os melhoramentos necessarios no Lazareto de Lisboa, por portaria de 16 de setembro de 1875; fez parte da commissão sanitaria de 1884, encarregada de propôr ao governo as medidas a tomar no caso de invasão do cholera em Lisboa; da commissão encarregada pela administração do hospital de S. José, de reformar o *Formulario de Medicamentos*, em substituição do de 1866; membro de muitas outras commissões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, da Sociedade das Sciencias Medicas, da Sociedade de Geographia, que de todas publicou relatorios, incluindo o da expedição scientifica á Serra da Estrella, em 1881, de que foi presidente da commissão executiva, e da secção de medicina d'esta expedição.

A ultima commissão official que desempenhou foi a de delegado á conferencia internacional medica, de Veneza, em março d'este anno, de que contava publicar breve o relatorio.

O dr. Sousa Martins era pharmaceutico de 1.ª classe e medico-cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa; lente cathedratico da secção medica da mesma escola; membro titular da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa; socio effectivo, honorario e benemerito da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; socio correspondente da Academia Real das Sciencias, do Instituto de Coimbra, da Academia Real de Medicina da Belgica; da Real Academia de Medicina de Madrid; da Sociedade Anthropologica Hespanhola; da Sociedade Gynecologica Hespanhola; da Academia Nacional de Medicina e Cirurgia de Cadiz; da Academia Provincial de Sciencias Medicas de Badajoz; da Sociedade Real de Medicina Publica e da Sociedade de Sciencias Medicas de Luxemburgo; da Sociedade Real de Medicina Publica da Belgica; do Instituto de Vasco da Gama, de Nova Gôa; socio estrangeiro da Sociedade Francaza de Hygiene; socio da Sociedade de Geographia de Lisboa e socio fundador da Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes; commendador das ordens de S. Thiago e do Salvador, da Grecia.

A lista das suas obras publicadas, principiando pela these inaugural, é a seguinte:

O pneumogasti preside á tonicidade da fibra muscular do coração, these inaugural, 1866; *O pneumogastro, Os antimonias e a pneumonia, memoria apresentada á Academia Real das Sciencias, 1867*; *A pathogenia vista á luz dos actos reflexos, these de concurso, 1868*; *Elogio historico do professor Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, pronunciado na abertura da Escola Medico-Cirurgica, em 5 de outubro de 1872 e impresso em 1878*; *A febre amarella importada pela barra, 1879*; De collaboração:

Pharmacopéa Portuguesa, 1876; *Questão de peritos. A Medicina legal no processo Joanna Pereira*, 1878; *Ibidem*, 2.ª parte, 1878; *Formulario dos medicamentos para o hospital nacional e real de S. José*, 1885; Relatórios de todas as commissões officiaes e particulares de que foi encarregado, como ficou dito. Collaborou largamente nas seguintes revistas e jornaes: *Gazeta Medica de Lisboa*; *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*; *Revista Occidental*; *A Medicina Contemporanea*; *Encyclopedia Popular*; *Diario Illustrado*; *Occidente*, etc.

Foi orador brilhante e ahí estava Sousa Martins

TENENTE CORONEL BARÃO DE SEIXAS

(DR. ROQUE DE SEIXAS)

Promovido ha pouco a este posto, é um dos officiaes de mais brilhante carreira na arma de infantaria a que pertence e um dos ornamentos do nosso exercito.

Muito novo ainda concluiu com distincção o curso da sua arma, alcançando premios, sendo o primeiro classificado no seu curso.

Nomeado alferes para um dos corpos da guar-

rações academicas, com que se encontrou, foi sempre um dos homens mais prestimosos e mais considerados.

Ficaram assignalados os seus serviços prestados em beneficio da sociedade Philantropica-Academica; o extraordinario desenvolvimento a que chegou o antigo club academico, hoje em ruinas, e, superior a tudo, a manifestação mais brilhante da academia de todos os tempos feita pela occasião do tricentenario de Camões de que Roque de Seixas foi o principal obreiro.

O seu nome era sempre escolhido para fazer



DR. JOSÉ THOMAZ DE SOUSA MARTINS — FALLECIDO EM 18 DO CORRENTE

no seu campo. Estudante laureado em todos os cursos e professor querido dos seus discipulos.

Morreu pelas 2 horas da madrugada, na sua casa da quinta do Rio Gomes a 2 kilometros da villa de Alhandra.

Assistiu-lhe nos ultimos instantes o seu amigo e medico assistente dr. Gregorio Fernandes.

Deixou testamento em que lega todos os haveres a suas duas irmãs, D. Gertrudes e D. Leonor; os seus livros de sciencias á Escola Medico-Cirurgica e Sociedade de Geographia de Lisboa alem de outras lembranças aos seus amigos.

O seu funeral realison-se no dia 19 do corrente ficando o corpo no tumulo de familia, no cemiterio da Alhandra conforme a vontade do finado e de seus parentes.

R.

nição da capital, conseguiu depois d'alguns annos de serviço, ser collocado como adjunto ao commando militar de Coimbra de onde é natural, afim de poder matricular-se na Universidade, onde desejava seguir livremente os seus estudos, pois era já proposito seu não abandonar a arma de infantaria em que sentara praça e cujos estudos especiaes tanta sympathia lhe haviam despertado.

Frequentando as faculdades de mathematica e de philosophia, em que se formou, vio mais uma vez confirmada a conta em que eram tidas as suas exceptionaes qualidades de estudo e intelligencia não só pelos premios universitarios que obteve, como pela amizade e consideração que lhe tributavam os seus mestres, os seus condiscipulos e os seus contemporaneos.

Como professor interino regeo por vezes cadeira na Universidade, e como membro das ge-

parte das listas organisadas pelos corpos dirigentes da Academia e nas tradicionaes luctas eleitórias do antigo *Club Academico* teve a consagração e o respeito que se deve ao talento. N'uma d'ellas — recorda-nos bem — e a que foi mais renhida e disputada por varias facções partidarias a ponto de intervirem não só as auctoridades locais, mas ainda o governo, que enviou expressamente a Coimbra delegados especiaes para esse fim, o seu nome foi o unico que ficou intacto em todas as listas, logrando sobrepor-se ás diversas listas da opposição.

Foi uma verdadeira apothose feita ao seu character, á sua intelligencia e ao seu muito trabalho.

Não desejando abandonar a carreira militar voltou a Lisboa, onde se arregimentou, pondo assim de parte a idéa de entrar na faculdade para que



TENENTE CORONEL BARÃO DE SEIXAS
DR. ROQUE DE SEIXAS

havia sido convidado. Pouco tempo depois foi nomeado por concurso para a Escola do Exército, exercendo ali durante alguns annos o lugar de bibliothecario.

Promovido a major e não podendo continuar na commissão que exercia, foi collocado em infantaria 17, sendo pouco depois chamado a Lisboa e convidado a aceitar o lugar de professor no Real Collegio Militar, onde é actualmente um dos mais distinctos membros do seu corpo docente.

Como publicista são conhecidos os seus trabalhos litterarios e jornalisticos e nomeadamente dentre elles, um estudo que corre impresso sob o titulo de *Colonias Agricolas*, tendo alcançado pelo seu merito fazer hoje parte das principaes sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras.

* * *

Agraciado ainda por El-Rei D. Luiz com o titulo de que usa, por occasião do seu casamento, foi isto sobeja prova da consideração em que o saudoso monarcha tinha os meritos d'este official, que muito de perto havia conhecido, quando ao seu serviço.

O dr. Roque de Seixas de caracter extremamente modesto, vive longe da politica d'onde systematicamente se affasta, só para se entregar a aturados estudos, e deve só a si e ao seu trabalho intelligente todo o que é.

Coimbra, terra da sua naturalidade, estima-o como um dos seus filhos mais prestimosos, e esta redacção, dando hoje cabida nas suas paginas ao illustre militar e distincto professor, cumpre gostosamente um dever.

A. M.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES NO PORTO

Guedes de Oliveira, o proprietario d'uma das primeiras photographias do Porto, teve a excellente idéa de reunir em uma das salas do seu *atelier*, um grupo de obras de arte e de exhibil-o ao

publico para prova bem evidente do movimento artistico contemporaneo no nosso paiz.

Graças ao seu fino espirito, ás sympathias que o seu excellente caracter lhe tem grangeado e ainda tambem ás suas relações litterarias e artisticas, conseguiu elle vêr o seu pensamento secundado pela decidida boa vontade de muitos dos nossos artistas mais emeritos e de outros que estão fazendo no estrangeiro gloriosa carreira para o alcance futuro d'um nome insigne no nosso mundo artistico.

D'este modo, pois, pôde Guedes de Oliveira alcançar uma porção de quadros e esculpturas, que estão constituindo uma pequena mas distinctissima exposiçáo que o publico tem honrado com a sua visita e inaltecido com os seus elogios.

D'esse interessante certamen, que constitue uma benemerita iniciativa de Guedes de Oliveira e que por ella muitos louvores merece, vamos apresentar uma idéa, rapida, dando ao mesmo tempo uma nota das impressões que nos produziram a maior parte dos trabalhos expostos.

Carlos Reis é sem duvida quem occupa o primeiro lugar n'esta exhibição.

A sua paizagem «Manhã de Clamart» é um verdadeiro primor. A vastidão da perspectiva, a transparencia da agua do primeiro plano, a tonalidade geral do quadro em que ha muito e bom ar, e a maneira delicada e artistica como a natureza está interpretada, fazem com que este quadro se torne digno do maior apreço. Notaremos comtudo que não nos agradou a maneira como estão apenas esboçadas as arvores do segundo plano. Bem sabemos que o artista quiz por esse modo dar-nos a impressáo d'um objecto visto ás primeiras horas matutinas, mas a questão é que o effeito d'essas arvores se contradiz flagrante mente com o vigor com que se vêem pintados os dois troncos do primeiro plano.

«Vaccas na pastagem» é tambem uma tela deliciosa. O ton geral d'aquella entardecer em que os ultimos raios do sol douram a casaria da aldeia longinqua, seduz. Depois ha a admirar ainda o relevo que apresenta a vegetação, a largueza com que todo o quadro está pintado e finalmente essa arte meticulosa que o pintor sabe imprimir a todas as suas telas.

Finalmente o «Retrato de minha mãe» é por egual um trabalho de merecimento. Uma senhora idosa, vê se sentada em uma antiga cadeira de espaldar de couro e rodeada d'esse objectos que constituem o mobiliario d'um gabinete. O retrato está bem desenhado e todos os pormenores tratados perfeitamente.

Velloso Salgado apresenta dois quadros, o mais importante dos quaes é o que tem por titulo «Reflexos».

É excellente a impressáo que produz o encarnado d'um guarda sol na physionomia da menina que o sustem. A paizagem está bem tratada, mas



ESTREITO DE MAGALHÃES — Vid. artigo Fernão de Magalhães

o que se torna de todo o ponto burlesco é aquelle comboy minuscuro que corre ao longe e para o qual a figura parece estar olhando.

As proporções d'esse comboy não estão de modo algum em harmonia com a distancia que separa os vehiculos da figura, sendo bem evidente o erro de perspectiva que se dá no quadro.

«Azinha em Bemfica» é como que uma grande pochade em que ha qualidades boas, mas no todo, esta pintura é bastante inferior em merecimento á antecedente.

Das tres paizagens expostas por Julio Ramos, a que mais nos agradou, foi a que se intitula «Um trecho de Brolles».

É bonita de côr, a vegetação está tratada com arte e intelligencia, a perspectiva da campina é justa e a vegetação oppulenta e natural.

«Pôr do Sol» é tambem um estudo de merecimento, em que o artista mostra as suas boas qualidades de observação.

«Fim de Tarde» não nos agrada. Depois, aquelle globo encarnado a fingir de sol e que se destaca no meio do azul intenso do firmamento, é d'um comico irresistivel.

José de Brito apresenta grande numero de trabalhos. Dos relativos a pintura, o mais importante é o que tem por titulo «A lareira».

É interessante e muito bem transmittida, a impressão dos reflexos do lume nas figuras das duas creanças que se vêem sentadas. A expressão da pequenita é agradável, a posição natural e bem pintada. As roupas. A attitudão do pequeno é um tanto mais contrafeita, sendo d'um effeito desagradavel a maneira como apparece o joelho da perna direita, isto em consequencia da posição que o artista lhe deu.

O «Judeu» tem detalhes bem tratados, possuindo o quadro qualidades de todo o ponto apreciaveis.

O retrato da sr.^a D. Maria Rosas, não nos satisfaz. A modelação pareceu-nos um tanto dura, a carnção esbaída, como que polvilhada, nao se sentindo o sangue deslizar por baixo d'aquella pelle setinosa, mas morbida. Finalmente ha no todo da pintura um não sei quê, que não impressiona bem.

Muito melhor a nosso vêr é o retrato do sr. visconde de C. G. A carnção é mais vigorosa, e o bom desenho acentua perfeitamente a energia d'aquella physionomia expressiva. Emfim uma boa pintura.

Notaremos ainda duas pequenas paizagens, interessantes, do mesmo artista.

De Columbano Bordallo Pinheiro é muito suggestivo o quadro intitulado «A ceia da velha». Uma bella cabeça pintada com energia e desenhada com consciencia. Um bom trabalho.

Dos retratos, todos elles muito semelhantes, agradou-nos sobretudo o do sr. Arthur Lessa pelo vigor do colorido e qualidades de desenho que individualisam perfeitamente aquella expressiva cabeça.

O que não parece do mesmo pincel é a «Magdalena» e a «Rapariguita». A primeira é uma cabeça desgraciosa, mal desenhada, sem côr, nem attractivos de especie alguma. A segunda, tambem uma figurita meio esboçada, descolorida como a outra e sem nada que a recomende.

Dos retratos enviados por Carneiro Junior, os melhores, sem duvida alguma, são os da sr.^a D. Leonor Alves, do sr. Julio Brandão e do sr. Antonio Ribeiro. De uma similhaça irreprehensivel todos elles, possuem qualidades de colorido e de desenho que attestam a competencia e o talento do seu author, ao qual auspiciamos um futuro brilhante.

O seu quadro «Ao anotecer,» é uma banalidade.

Excellent, a «Tia Bertha» da sr.^a D. Branca de Araújo. Uma bella cabeça muito bem modelada, de um colorido justo e de uma expressão magnifica. O lenço que cobre os hombros do modello, muito bem pintado.

É curiosa a «Impressão» de Candido da Cunha. Grupos agglomerados na praça da Concordia, em Pariz, á passagem do cortejo do Boi Gordo. A tela dá bem a ideia do movimento e vida do local n'aquella occasião.

«Notre Dame,» effeito da igreja de Notre Dame, em Pariz, em noute de negrume intenso.

De Eduardo Moura, é bonito o seu quadro «A apanha do moço.» Muito natural a attitudão das duas graciosas rapariguinhas, rosadas, cheias de vida, bem definida a paisagem, transmittida com arte a vegetação de todo o quadro, finalmente uma pintura que possui qualidades apreciaveis e que dão a medida dos meritos do artista, de grande futuro, que a executou pelo que deve continuar.

«Toilette,» é um pequeno interior, que pouco desperta a attenção.

Julio Costa tem só um quadro, «Estudo». Um busto de mulher de uma modelação tão dura, e de uma côr tão falsa, que tornam a pintura sumamente desagradavel. Aquillo não parece tela, parece lata. E' pena que este intelligente artista tenda a decahir de anno para anno.

De M.^l Zoé Wauthélet, é muito bem pintada a cabeça «Um franciscano».

Com qualidades apreciaveis o quadro «Quem espera, desespera», uma senhora sentada em um banco, em um jardim ou praça.

«Um desgosto» é tão mau que nem parece da mesma artista.

Lindissimo o quadro «Camelias», de Antonio José da Costa. São de uma frescura, de uma delicadeza de colorido e de uma disposição tão artistica aquellas flores, que encantam.

«De guarda», é uma amalgama, com que pouco sympathizamos, de flores, castanhas, maçãs, aliaz bem pintadas e de outras cousas, tudo dominado pela cabeça expressiva de um formidavel *bul-dog*.

Em flores ha ainda:

Da sr.^a D. Alice Grillo, pintados com a arte e bom gosto que distinguem os trabalhos d'aquella talentosa artista; os quadros «Orchideas», em que se vê o retrato em photographia do sr. dr. Guilherme Nogueira e «Canto de toilette» em que se notam, principalmente, uns chrysantemos, bem pouco decorativos, pela pouca belleza dos exemplares escolhidos.

Da sr.^a D. Leopoldina Maia Pinto, «Flores», um quadro bem pintado, pela justeza do colorido, vico das petalas e arranjo intelligente das flores.

Da sr.^a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, o seu melhor quadro é o das «Peonias», flôr de um bello effeito pelo seu desenvolvimento, fôrma e côr.

Os outros dois quadros da mesma senhora, perdem sobretudo pelo descolorido pela moleza como estão pintadas aquellas flores, que parecem emurchecher e estiolar-se á falta de... boa visão de quem as reproduziu.

De Antonio Alexandrino, apenas notaremos como seu melhor trabalho de amator, a «Ponte d'Este».

Antonio Ribeiro exhibe varios estudos mais ou menos felizes.

De João A. Ribeiro, não deixa de ser agradável a sua «Paizagem».

Tambem tem algum merecimento o «Estudo», de João Baptista de Lima e que consiste em uma cabeça de aldeá.

Christiano de Carvalho, apresenta quatro trabalhos da denominada escola symbolista, genero desconhecido para grande parte do nosso publico.

A pintura symbolica, não tem, a meu pensar, nada que vêr com a grande, a verdadeira arte. Constituirá, quando muito, uma mera illustração, uma fôrma original, picaresca, phantasiada, de transmittir o pensamento do artista sobre um assumpto qualquer.

A coloração, pôde dizer-se que é quasi primitiva n'estes trabalhos em que de ordinario se empregam apenas tres ou quatro tintas, não havendo gradação de côres, nem o que verdadeiramente se chama claro-escuro. O desenho tambem não é muito exigivel n'estes quadros.

Não queremos com isto dizer, que para taes produções não se exija espirito, cultura intellectual e artistica, e originalidade. Muito pelo contrario. E sob este ponto de vista, Christiano de Carvalho apparece-nos em excellentes e especiaes condições para se distinguir no genero.

«Visão futura», symbolisa a anarchia. Em cima, em medalhão, o retrato de um anarchista certamente celebre. Em baixo a guilhotina e a multidão de cabeças esqualidas, nadando em um mar de sangue. Côres empregadas: amarello, preto e encarnado.

«Em greve,» a *silhuet*e, lá no alto, de chaminés de fabricas e officinas, e em baixo, desgraçados grévistas caminhando uns atraz dos outros.

E tudo o mais por este theor.

Em aguarella, notabilisa-se sobre todos, Roque Gameiro.

E' admiravel a «Epistola», em que se vê um individuo de idade, na attitudão de escrever uma carta. A expressão, desenho e côr, que brilham em todo o quadro, fazem-o constituir uma completa obra de arte.

«Coquetismo», em que se representa uma senhora mirando-se a um espelho, é por igual delicioso. N'este quadro ha ainda a notar o rigor e a pericia com que o artista pintou o traje antigo da figura e os demais accessorios.

O «Estudo» é mais inferior, se bem que possua boas qualidades.

«Pombinhos», é sobretudo muito decorativo.

De Ribeiro Arthur, agradou-nos principalmente a paizagem, que é pittoresca e está tratada com intelligencia.

José de Brito expõe varios trabalhos em pastel, quasi tudo retratos.

O seu principal trabalho, porém, n'este genero, é o que tem por titulo «A viuva», e que se pôde considerar, pela maneira como está feito e desenhado, um verdadeiro primor.

Dos retratos, o que mais nos agradou, foi o da sr.^a D. Maria Adelaide de Macedo, muito parecido e característico.

Alfredo Guedes apresenta duas aguarellas, uma das quaes, o «Pescador», está desenhada com um vigor muito acertado.

«De volta do passeio», é tambem interessante, e de uma execução regular.

José Raphael exhibe, o retrato, em pastel, do sr. Antonio Ribeiro, trabalho muito agradável de côr, mas feito um tanto do *chic*.

José Teixeira Lopes enviou quatro aguarellas apreciaveis, as melhores das quaes são a nosso vêr as de n.^o 67 e 69.

Finalmente, Celso Herminio apresenta um quadro com diversas caricaturas mais ou menos felizes. Quanto aos seus pasteis «Fadista» e «Mulher do Bairro Alto», temos conversado.

Em esculptura, Teixeira Lopes apresenta quatro trabalhos:

O modêlo para a porta de uma igreja do Rio de Janeiro, um retrato de creança, em marmore, uma cabeça de velha (estudo), em gesso e o modêlo para o tumulo de Oliveira Martins.

Todas estas obras abonam os creditos d'aquelle insigne esculptor.

Porto, agosto, 97.

Manuel M. Rodrigues.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

(Continuado do n.^o 668)

XIII

Emquanto Serrão e Mesquita, luctando com a furia dos elementos, conseguiram fazer o reconhecimento ordenado por Magalhães, o audacioso capitão mal se tinha podido haver com o resto da frota, que ficára á espera á entrada do cabo, a que Magalhães deu o nome de Cabo das Onze Mil Virgens, em memoria do dia em que o avisou ser dedicado pela egreja áquella festa.

Pelo espirito de Magalhães mais de uma vez, n'aquellas longas horas, passou a funebre idéa de que Serrão e Mesquita teriam perecido e mais a sua gente, no meio de tão grande tormenta.

O temporal continuava desabrido, e a gente de Magalhães mostrava-se cada vez mais apprehensiva, o que augmentava os receios do chefe pelo exito da empreza que elle, com bem fundadas razões, via proximo a realizar.

Para maior alarme, viram os navegantes elevarem-se rolos de fumo do lado da terra, o que fez suppor que eram fogueiras que os naufragos tivessem accendido para dar signal de onde estavam. Isto pareceu certo a Magalhães, que logo resolveu ir em soccorro dos naufragos, fosse qual fosse o perigo a que se ia expôr e o resto da sua gente.

«Quando estávamos, porém, n'esta anciedade, diz Pigaffeta, eis que apparecem duas embarcações, de panno largo e bandeiras desfraldadas ao vento, saltando por sobre as ondas e se dirigiam para nós. Ao approxi-

marem-se dispararam tiros de bombardas, e a sua gente dava gritos de alegria, a que correspondemos do mesmo modo, e quando soubemos, por elles, que tinham visto a grande extensão da bahia ou do estreito, dispozemo-nos para continuar o nosso caminho.»

Pelo que Serrão e Mesquita contou a Fernão de Magalhães, não restava duvida que se encontrára, enfim, a passagem procurada. Os exploradores haviam reconhecido golfos de mar entre alcantiladas rochas, diziam uns; outros julgavam ter achado o estreito, por onde haviam navegado tres dias sem lhe encontrar o fim, notando grandes correntes com pequenos minguanes, signal evidente de que o estreito levava as suas aguas para o poente, ao oceano.

Tudo isto dava acerto ao juizo de Magalhães, o qual mandou dez homens em uma chalupa reconhecer a terra.

Esses homens não encontraram gente, mas vestígios. Mais de duzentas sepulturas indicavam ter ali havido povoado; devia ser, porém, na estação do calor, em que os indios vem estabelecer-se á beira do mar, voltando para o interior na estação das chuvas, e era aquella em que os exploradores ali se encontravam. Mais viram muitos esqueletos e ossos soltos de baleias, espalhados pela praia, signal de grandes temporaes que ali arrojavam aquelles crustaceos.

Herrera diz, que por ordem de Magalhães foi a caravella *Santo Antonio* fazer novo reconhecimento no canal, mas sem resultado, porque tendo Mesquita avançado umas cincoenta leguas, não lhe achou o fim, pelo que resolveu voltar á frota a dar parte da sua viagem a Magalhães.

Vinha talvez mais convencido de que o canal ou estreito só teria mais perigos para quem o quizesse devassar, do que levaria a bom termo de viagem. Magalhães, porém, não se desconcertou com o resultado do reconhecimento de Mesquita, e antes resolveu terminantemente seguir avante, convencido de que passaria o estreito e encontraria, enfim, o mar da India ou do Sul.

Não quiz, porém, levantar ferro, sem reunir na *Trindade* — navio almirante — o conselho dos capitães, para lhes communicar a sua resolução e saber ao certo dos mantimentos que havia, para que tempo chegassem.

Reunido o conselho, os capitães declararam que havia comestiveis para tres mezes. Quanto á resolução que Magalhães lhes communicou todos se mostraram concordes, talvez mais por obediencia ao chefe, do que por convicção do bom exito do commettimento. Apenas o piloto Estevão Gomes, parente ainda de Magalhães, discordou dos seus companheiros, ponderando que corriam grande perigo em proseguirem, pois que os temporaes ou as calmarias que atrasassem a travessia, poderiam inutilisar tudo, perdendo os navios ou reduzindo todos á fome,

de que morreriam. Magalhães combateu moderadamente a opinião de Estevão Gomes, afirmando que o canal que encontraram era a passagem para o mar do Sul, e tinha a certeza do que dizia, porque, na thesouraria de Portugal vira uma carta de marear desenhada por Martim Behaim, em que estava traçada aquella passagem, de que não podia duvidar agora. O entusiasmo de Magalhães chegou a tal ponto que disse ao conselho: Ainda que para chegar ao fim tivesse que comer as pelles de vacca que forravam as antenas dos navios, não retrocederia sem cumprir o que havia tratado com Carlos V.

Todos se submeteram á vontade do chefe, e no dia seguinte a frota soltou vellas e navegou pelo estreito fóra até á grande bahia de S. Bartholomeu, onde os navegantes depararam com um grupo de ilhas.

As caravellas lançaram ferro, e Magalhães mandou fazer um reconhecimento n'um canal ao sul, pelas caravellas *Conceição* e *Santo Antonio*.

Ao sul ficava terra, a que Magalhães pôz o nome de Terra do Fogo, por ter observado, de noite, grandes fogueiras que lá ardião. Aquellas terras ainda hoje conservam esse nome.

Nada adiantou o reconhecimento que Magalhães mandou fazer, porque a caravella *Conceição* voltou breve sem nada trazer de novo, e a *Santo Antonio*, de balde a esperaram, não a tornando mais a vêr.

Esta falta inquietou sobre modo a Magalhães, pelo receio de que se teria perdido o navio, e ainda empregou esforços para o procurar, mas tudo foi inutil, dando acerto ao parecer do piloto André de S. Martim, que disse a Magalhães que a caravella voltára para Hespanha, como effectivamente voltou, tendo a companhia sublevado-se contra Mesquita, ao qual prenderam, dando o commando do navio a Jeronymo Guerra, que ia a bordo como escrivão.

(Continúa).

CAETANO ALBERTO.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VEPSÃO)

XVII

(Continuado do numero anterior)

De madrugada as nossas quatro naus, das quaes era general D. Rodrigo de Mendoza, ao voltarem para o porto de Callao, acharam de menos novecentos homens, entre os quaes fui contado como perdido com a nau almirante. Eu estava em poder dos inimigos, temendo muito que elles me não levassem para a Hollanda. Ao fim de vinte e seis dias, largaram-nos na costa de Paita, afastada umas cem leguas de Lima.

Depois de alguns dias de miseria, um bom homem, compadecido pelos nossos soffrimentos, deu-nos fato e meios com que nos dirigissemos a Lima.

Ahi me demorei cerca de sete mezes, arranjando-me o melhor que pude. Tendo eu comprado um bom cavallo mas por pouco preço, entretinha-me em andar n'elle a passear pela cidade, esperando occasião de partir para Cuzco.

Um dia, quando estava prestes a emprehender a minha jornada, atravessei a praça principal, quando um alguacil veio ter comigo e me disse que o senhor alcaide D. Juan de Espinosa, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, me mandava chamar. Dirigi-me a Sua Graça. Encontrei lá dois soldados. A minha chegada, exclamaram:

— É elle, senhor! Este cavallo é o que nos falta, e em breve daremos provas da verdade!

Os soldados rodearam-me e o alcaide interrogou:

— Que querem que faça? O caso é embaraçoso.

Eu, apanhado tão de improviso, não soube o que havia de dizer. Inquieto e confuso, devia por força ter um aspecto muito comprometedor, quando tive a ideia de tirar rapidamente a capa e, tapando com ella a cabeça do cavallo, dizer ao alcaide:

— Senhor, supplico a Vossa Graça que pergunte a estes senhores qual é o olho que falta ao seu cavallo, se é o direito ou o esquerdo? Porque este animal pôde ser outro e os senhores estarem em erro.

— É justo, appoiou o alcaide.

E dirigindo se aos dois soldados disse-lhes:

— Digam-me ambos, ao mesmo tempo, de que olho é cego o cavallo?

Ficaram hesitantes e confusos.

— Vamos, insistiu o alcaide, digam ambos.

— Do esquerdo, senhor, disse um.

— Do direito, disse o outro.

E vendo que não combinava com o camarada apressou-se a ajuntar:

— Do esquerdo, do esquerdo, queria eu dizer!

— Tal prova não vale de nada, pois que não concordam, rematou o alcaide.

A estas palavras retorquiram elles gritando a um tempo:

— É do esquerdo, é do esquerdo! Foi o que nós ambos dissémos ainda agora.

Intervim então:

— Aqui não ha prova que valha. Um diz que é branco e o outro que é preto.

— Não! não! protestou um dos soldados, nós respondemos sempre a mesma cousa, que era cego do olho esquerdo. Eu ia a dizer isso mesmo, mas a lingua prendeu-se me, e emendei logo, afirmando que o cavallo é cego do olho esquerdo!

O alcaide estava hesitante.

— Que ordena Vossa Graça? perguntei-lhe eu.

— Mando, respondeu-me elle, que se não ha outras provas, vos podeis ir com Deus tratar dos vossos negocios.

Então, tirando a capa de cima da cabeça do cavallo, ajuntei:

— Vossa Graça pode ajuizar, vendo que nem um nem outro disse a verdade. O meu cavallo é são, não tem defeito algum nos olhos.

O alcaide levantou-se, e, aproximando-se do cavallo, observou-o e disse:

— Podeis montar, senhor, e ide com Deus!

E voltando se para os dois sucios, deu-lhes a voz de presos.

Enterrei as esporas no cavallo e parti a toda a brida para Cuzco, ficando pois sem saber o fim que elles tiveram em tal aventura.

XVIII

Voltando a Cuzco, alojei-me em casa do thesoureiro, D. Lopo de Alcedo, onde me demorei algum tempo.

Um dia, entrou em casa d'elle um amigo que vinha para jogar. Estavamos os dois sentados á meza e o jogo ia correndo. O recém-chegado, conhecido pelo nome de Novo Cid, veio sentar-se a meu lado. Era um homem de tez morena, bastante cabelludo, estatura muito alta e de aspecto feroz, pelo que o tinham appellidado de Novo Cid.

Continuei e no meio jogo e ganhei um lance. Elle estendeu a mão para o meu dinheiro pegou n'algumas moedas de oito reaes e saiu. Momentos depois, voltou e praticou o mesmo, tirando-me outro punhado de dinheiro, e postando-se por detraz de mim. Pela terceira vez, recomeçou tal manejo. Presenti-o, e então com uma punhalada cravei-lhe a mão na meza. Levantando-me, puxei da espada, e os assistentes fizeram outro tanto.

Acudiram dois amigos de Cid, para o livrarem a elle e agarrarem me a mim.

Embora ferido em tres sitios, consegui ainda fugir para a rua, no que fui muito feliz, pois do contrario ter-me-hiam feito em postas.

O primeiro que saiu atraz de mim foi o Cid. Recebi-o com uma estocada, mas elle estava armado com um peitoral de aço. Vieram os outros e cercaram-me. Dois biscainhos que passavam na occasião accorreram ao ruido da lucta e vendo-

me sósinho contra cinco, puzeram-se do meu lado.

Comtudo, ainda estávamos inferiores e por isso tivemos que fugir ao longo d'uma rua para nos salvarmos.

Chegado perto de S. Francisco, Cid apunhalou-me pelas costas tão furiosamente que me furo o hombro de lado a lado. Um dos outros atacou-me com uma espadeirada do lado esquerdo. Cahi por terra n'um mar de sangue.

Entretanto, uns e outros safaram-se a toda a pressa. Ergui-me nas angustias da morte e avistando o Cid á porta da igreja, dirigi-me para elle.

Veu então sobre mim:

— Grande cão! pois tu ainda estás vivo!

E vibrou-me uma tremenda estocada.

Aparei o golpe com a espada e ataquei-o com tanta felicidade que lhe enterrei o ferro por baixo do estomago, atravessando-o d'um lado ao outro.

Cahi desamparado, pedindo confissão.

Cahi tambem.

Ajuntou-se logo muita gente do povo, alguns frades, e o corregedor D. Pedro Cordova, cavallei-

Em breve, n'uma noite, transportaram-me para San Francisco para a cella do reverendo padre frei Martin de Arostegui, onde passei os quatro mezes que durou a minha doença.

Ao saber d'isto, o corregedor ficou furioso, fez vigiar as immedições, e os caminhos andavam batidos para eu me não escapar.

Já um pouco melhor, convencido de que não podia permanecer em Cuzco e temendo a vingança de certos amigos do morto, com a ajuda e o conselho dos que me eram favoraveis, resolvi mudar de ares. O capitão D. Gaspar de Carranza deu-me mil pezos, o thesoureiro D. Lopo de Alcedo offereceu-me tres malas e armas, e D. Francisco de Arzaga fez-me presente de tres escravas.

Assim munido e acompanhado por dois meus amigos biscainhos, homens valentes e honrados, sahi uma bella noite de Cuzco em direcção a Guamanga

XIX

Sahindo de Cuzco, pela forma que deixei dito, alcançámos a ponte de Apurimac, onde demos com a justiça e os amigos do defunto Cid que nos esperavam á passagem.

que viera estabelecer residencia junto do governador D. Pedro Osorio. Vi um alguacil, que depois soube chamar-se Pedro Xuares, approximar-se d'elle. O doutor voltou a cabeça, olhou para mim, puxou d'um papel, leu-o e tornou a examinar-me. O alguacil e um preto dirigiram-se para mim. Fui-me affastando com ar descuidoso e indifferente, ainda que bastante inquieto no intimo.

Mal tinha dado alguns passos, quando o alguacil, passando adiante me cumprimentou, tirando o chapéo.

Fiz o mesmo. O negro, vindo por detraz de mim, agarrou-me pela capa. Deixei-lh'a nas mãos, desembainhei a espada e puxei d'uma pistola.

Carregaram ambos contra mim, com as espadas nuas.

Evitei os golpes, o alguacil cahiu desamparado com a violencia do ataque, vibrei uma estocada valente ao negro, elle cahiu, e eu fugi.

Mais adiante encontrei um indio que segurava um cavallo pela redea, o qual soube mais tarde pertencer ao alcaede, tirei-lh'o saltei para cima, enterrei-lhe as esporas, largando em direcção de Guamanga, terra d'alli distante umas quatorze leguas.

7.^a EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO



NO TEJO — Quadro do sr. João Va7

ro de Sant'Iago, que, ao ver-me prezo por dois soldados, lhes disse:

— Deixem o homem! Elle mal tem forças para se confessar?

Cid expirou n'aquelle mesmo logar.

Algumas almas caridosas transportaram-me para casa do thesoureiro, onde eu estava alojado.

Deitaram-me na cama. O cirurgião não ousou tratar-me dos ferimentos, antes de eu me ter confessado, tal medo tinha de que expirasse ao mais simples curativo.

O padre frei Luiz de Valence, um famoso homem, foi quem me confessou. Sentindo-me morrer, confessei a verdade ácerca do meu sexo. Admirou-se elle muito, mas, dando-me a absolvição, tratou de me confortar e consolar. Depois de receber os ultimos sacramentos, senti-me mais forte.

Começou o penso dos graves ferimentos que recebera. Soffria immenso. As dôres e o muito sangue que tinha perdido tiraram-me os sentidos. Estive n'este estado umas quatorze horas, e durante todo esse tempo, o santo homem nunca me abandonou. Que Deus lhe pague!

Voltei a mim, chamando por S. José. Fui sempre alvo dos maiores cuidados e carinhosas dedicações. Deus bem sabe prover á necessidade.

Passaram-se tres dias. Ao terceiro, começou-se a nutrir algumas esperanças de salvação.

— Está prezo! gritou-me um meirinho, estendendo a mão para mim, acompanhado por oito outros individuos.

Nós eramos cinco, não nos intimidámos. O negocio aqueceu. Logo ao principio, um dos meus negros foi deitado ao chão.

Dos nossos contrarios cahiu tambem um homem e logo outro.

O meu outro segundo negro tambem foi prostrado. Com um tiro de pistola, virei de pernas ao ar o meirinho. Alguns dos seus partidarios estavam feridos.

Ao ouvirem as armas de fogo, deitaram a fugir, deixando, salvo o caso de ahí tornarem, tres dos seus estendidos no chão.

A jurisdição de Cuzco estende-se, ao que dizem, até este ponto, mas não passa além. Foi por isto que os meus amigos, havendo-me acompanhado até aqui, retrocederam depois, proseguindo eu o meu caminho.

Entrando em Andahuillas, encontrei o corregedor que, da maneira mais affavel e cortez, me offereceu a sua pessoa e casa, convidou-me para jantar. Não accéitei e parti logo, pois desconfiava de tantos favores.

Chegado á cidade de Guancavélica, apeei-me á porta da hospedaria. Empreguei alguns dias em visitar as visinhanças. Ao entrar n'uma pequena praça, proxima da collina de Azougue, avistei o doutor Solorzano, alcaide do tribunal de Lima,

Depois de ter atravessado o rio de Balsas apeei-me para deixar o cavallo respirar livremente um pouco.

N'este momento, vi chegar tres cavalleiros que entraram pela agua, até meio do rio.

Movido não sei porque feliz presentimento, gritei-lhes:

— Olá! onde vão os senhores?

— Prender-vos, senhor capitão, respondeu me um d'elles.

Puxei das minhas armas, armei duas pistolas e disse-lhes:

— Não ha de ser com vida que me aggarrem.

E approximei-me da margem,

Então, um d'elles replicou:

— Senhor capitão, nós temos ordens a cumprir, mas se quizer estamos promptos para o serviço de Vossa Graça.

Os sujeitos tinham parado a meio do rio.

Percebi-lhes a manha. Peguei em tres dobrões e colloquei-os em cima d'uma pedra á flór d'agua; montei a cavallo, e depois de muitas cortezias, segui o caminho Guamanga.

(Continúa)

Esteves Pereira.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 39